# Corpos, gênero e sexualidade inconformáveis e transgressores: expondo as violências e produzindo resistências em meio ao conservadorismo

**ALEXANDRE OSANIIYI**[*]

**MARCOS LOPES DE SOUZA**[**]

> O Brasil é o primeiro em mortes de transgêneros: por aqui, morre um por dia. A distância entre o nosso país e o segundo da lista, que é o México, é assustadora: por lá, morrem quatro vezes menos transexuais por ano. Essa incoerência entre o desejo de morte e o desejo sexual em relação à população trans é uma loucura.[1]

Iniciar a apresentação deste dossiê com o trecho de uma entrevista de João W. Nery para a revista Cult, publicada em 23 de junho de 2017, é homenagear um dos homens trans ativistas que contribuiu intensamente na luta pelo direito das pessoas trans. Ele foi o primeiro homem trans a fazer a cirurgia de transgenitalização, em um período que realizar este procedimento significava cometer um ato ilegal. João Nery faleceu em outubro de 2018, mas a bandeira de luta das travestis, transgêneros e transexuais continua resistindo a todo esse genocídio que atinge diariamente esse grupo e que as instâncias sociais ainda insistem em invisibilizar e, mais do que isso, continuam produzindo-as/os como aberrações, culpabilizando-as/os pelas suas mortes ou sendo conivente com essa violência.

[*] Trata-se de **ALEXANDRE DE OLIVEIRA FERNANDES**. Professor permanente no Programa de Pós-graduação em Relações étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB. Leciona no IFBA / Porto Seguro, Líder do Grupo de pesquisa em Linguagens, Poder e Contemporaneidade – GELPOC.

[**] **MARCOS LOPES DE SOUZA** é Coordenador do Programa de Pós-graduação em Relações étnicas e Contemporaneidade da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

[1] João W. Nery – entrevista concedida à Revista Cult – jun./2017. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/transfobia-e-misoginia-joao-nery/>. Acesso em: 23 dez. 2018.

Visibilizar as vivências das travestis e das mulheres e homens trans é uma das questões enfocadas nesse dossiê, entendendo que historicamente essa comunidade foi negligenciada pelos estudos acadêmicos. Além de trazer as singularidades desse grupo, os textos também denunciam a (re)produção do ódio e a abjeção dirigida às travestis e mulheres e homens trans tanto em ambientes como a escola, sobretudo quando elas ou eles ocupam o lugar de docente, quanto em outros espaços que, embora a princípio sejam vistos como includentes, como é o caso dos terreiros de religiosidade de matriz africana, de alguma forma, ainda apresentam marcas cisheteronormativas.

Neste dossiê também se questiona o espaço disciplinador de nossas escolas que valoriza e reitera um modelo fixo e binário de gênero, uma sexualidade pautada no heterossexismo, estruturada em uma perspectiva étnica e racial da branquitude e em um modelo de família patriarcal e heterocêntrico. Portanto, reivindicamos outro currículo, outra maneira de pensar e fazer a educação; que potencialize as diferenças; não insulte ou queira empurrar para o armário xs estudantes não adequados a essas padronizações do que se entenda por masculino e/ou feminino; com identidades étnico-raciais indígenas, negras e quilombolas; que vivam em famílias com (des)arranjos diversos, incluindo pais e mães LGBTI+ e que reclamem por uma vivência dos corpos, gêneros e das sexualidades desobediente e inconformada aos processos regulatórios e discriminatórios.

Dessa maneira, alguns dos textos deste dossiê investem em uma pedagogia transgressora, decolonial, contestadora dos referenciais eurocêntricos como os únicos olhares para se entender a sociedade, convidando xs leitorxs a resistirem à lógica colonial, a buscarem alternativas, caminhos desconhecidos e incertos e para isso tomam como focos de seus estudos famílias homossexuais, estudantes que contestam as normas de gênero e de sexualidade e projetos que evidenciam outras mulheres como as negras, as nordestinas e as da periferia. Tomar a perspectiva *queer* como possibilidade de pensar a educação também é um olhar perseguido por alguns dos manuscritos deste dossiê, em que não se contenta apenas em celebrar a diversidade na escola, mas problematizar as normalizações dos corpos, gênero, sexualidade, raças, classes e etnias, perturbar as normas e os processos de hierarquização e de dominação e assumir as tensões, conflitos e disputas em torno das diferenças.

Em tempos de discursos de ódio cada vez mais acirrados em relação aos corpos, gênero e sexualidade destoantes da ordem regulatória cisheteronormativa, branca, eurocêntrica e colonizadora e de ataques a todos os projetos que ousam dar voz aquelxs que foram apagadxs da história, nos arriscamos e ousamos organizar este dossiê que, além de trazer vários resultados de pesquisas sobre esses corpos subversivos, apresenta escritos intencionados em propor outras formas de pensar e de construir nossa sociedade, preocupados com todas as vidas e não apenas aquelas que por muito tempo estiveram no centro.

Esperamos que sejam seduzidxs pelas leituras desses textos, se debrucem sobre as suas inquietações, desconstruam visões normativas, se recriem no diálogo com eles, os contestem, duvidem deles e assim produzam novas reflexões intermináveis...